

Por uma digitalização da memória jornalística

Rosilene Dias Montenegro e Fábio Ronaldo da Silva*

As novas tecnologias da informação (TIC) têm oferecido ferramentas que, se bem utilizadas, podem auxiliar na manutenção e utilização dos acervos. Uma das facilidades proporcionadas pela evolução dessas tecnologias é a utilização das informações e imagens dos documentos originais através do processo de digitalização. Uma vez em meio digital, as informações podem ser facilmente armazenadas, mantidas, recuperadas e distribuídas ao mesmo passo que os originais livres do constante manuseio pode ser melhor preservados.

Sabemos que os artigos, sejam estes jornalísticos ou não, são instituições vocacionadas para a custódia, conservação e comunicação da documentação acumulada ao longo dos tempos. Podemos afirmar ainda, que os arquivos constituem uma parcela significativa da memória de um país ou de um povo, e que salvaguardam os direitos legais do Estado, das instituições e das pessoas. São eles que, através dos seus documentos, preservam os testemunhos da trajetória da evolução dos Estados e das suas comunidades, registrando elementos sobre a sua formação, o seu desenvolvimento ou a sua decadência.

*Rosilene Dias Montenegro é Coord. do Projeto Memória Ciência e Tecnologia em Campina Grande - Universidade Federal de Campina Grande. Fábio Ronaldo da Silva é aluno bolsista de Iniciação Científica - Pibic - UFCG.

O desenvolvimento das técnicas de comunicação nos deu oportunidades e novos ambientes para a apreensão de conteúdos modificando as formas de controle da informação. Os computadores e suas ferramentas viabilizam a automatização das técnicas de comunicação científica do mundo contemporâneo. Entre os séculos XIX e XX, a ciência se desenvolveu mediante os chamados centros de "processamentos de dados codificados", organizados em regras formais que garantiam acesso a um conteúdo impresso e elaborado principalmente por suportes materiais, mas iniciamos o século XXI, segundo SIMEÃO e MIRANDA (2003) com técnicas e perspectivas diferentes, baseadas em um modelo de comunicação de natureza extensiva.

Cada vez mais a imprensa mundial, em especial a jornalística, se uni as TICs no intuito de facilitar o fluxo de informações com os seus leitores. Seja através de CD-ROM ou *site*, as empresas jornalísticas estão digitalizando seus arquivos na tentativa de, tanto ganhar mais espaço em suas repartições quanto para contribuir na preservação dos tais documentos. Todavia, essa realidade ainda não se faz presente nas empresas jornalísticas de Campina Grande. Tanto o Diário da Borborema quanto o Jornal da Paraíba não possuem seus arquivos jornalísticos digitalizados, facilitando assim, a destruição de parte da memória da cidade que fora registrada em

notícias. Tentaremos mostrar neste artigo, que a utilização das novas tecnologias pode contribuir tanto na preservação¹ da memória da cidade quanto no rápido e fácil acesso dos arquivos jornalísticos para a comunidade em geral e para pesquisadores, pois o jornalismo é o relato da história no exato momento em que ela acontece.

Essas empresas jornalísticas devem ficar cientes da importância que esses arquivos possuem para toda uma comunidade e que, tanto o pensamento arquivístico quanto as formas de arquivar estão em constante evolução, ou seja, é algo que se transforma cotidianamente para se adaptar as transformações radicais que vão sendo produzidas na natureza dos documentos. Assim como nos organismos que os produzem, nos sistemas de gestão e tratamento de arquivos, na atualização dos arquivos e ainda nas tendências culturais, tecnológicas e sociais.

A humanidade, como mostra TERCEIRO (1996, p. 132), vem "*medindo seu progresso historicamente, em termos de tecnologia, com o resultado de que cada era tem passado mais rapidamente do que as anteriores*". A partir da revolução industrial, que se estendeu desde o princípio do século XVIII até o final do século XIX, surgiram três eras, verdadeiramente revolucionárias em termos de tecnologia, uma mais curta do que a outra, embora muito convulsivas: a *era eletrônica*, que durou quarenta anos (desde a Segunda Guerra Mundial até o início dos anos oitenta), em que surgiu e se massificou o computador; a *era da informação* (do princípio dos anos oitenta até os

¹Como preservação entende-se "...assegurar proteção à informação de valor permanente para acesso pelas gerações presentes e futuras"(Hedstrom, 1996)

primórdios dos noventa), em que os PCs, já integrados, inclusive no âmbito doméstico, começaram a interconectar-se em redes de informação; por último, a era em que estamos, a chamada *era digital*, caracterizada pela normalização de todo tipo de redes informáticas e pela aparição de uma nova sociedade, a digital, com uma *cyber cultura*, que, no dizer de LEVY (1998, p.92), "*encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial, da transmissão*".

O mundo da comunicação está em plena ebulição. Amparadas nas tecnologias digitais e na convergência multimídia, as transformações atingem tanto a estrutura e propriedade dos veículos, quanto à pesquisa, produção e difusão da informação.

O impacto das tecnologias no processo de comunicação tem provocado uma reordenação dos processos de produção e distribuição de conteúdos o que significa também mudanças nas práticas e rotinas profissionais. A superação da fase do processamento técnico para a formação de estoques insere os documentos e registros em um contexto de transferência e uso efetivo das informações. Todos estes avanços são decorrentes do ato comunicativo e sua necessidade de decifração, possível através do controle bibliográfico, da organização e da difusão de informações, (McGarry, 1984).

O jornalismo nasceu no século XVII, com a publicação dos primeiros jornais na Europa². De lá para cá, a história do jornalismo guarda forte relação com a difusão de novas

²O primeiro jornal da Europa, o "Nieuwe Tijdinge", foi publicado em Anvers em 1605, por Abraham Veihoeven. A edição arquivada e digitalizada pode ser vista no site Museu Virtual da Imprensa: <http://www.imultimedia.pt/museuvirpress/port/frame3.html>

tecnologias de transmissão, comunicação e informação. Para MURAD(2001, p.55), o conceito de jornalismo encontra-se relacionado ao suporte técnico e ao meio que permite a difusão das notícias. Daí derivam conceitos como jornalismo impresso, rádiojornalismo, telejornalismo e jornalismo digital.

No final da década de 60, McLuhan (1977) afirmou que o mundo se transformaria em uma grande aldeia global com os avanços das telecomunicações e informática.. A Internet, que prescinde dos limites geográficos, é para muitos pesquisadores o sonho de McLuhan feito realidade.

Em *Galáxia Gutenberg*, o autor afirmaria que todo novo meio trata, num primeiro momento, de combinar características dos veículos de comunicação já existentes. Podemos perceber isso na Internet, quando a imprensa, o rádio e a televisão se propõem a criar suas páginas *web* considerando as propriedades de cada meio. Entretanto, a estrutura da Internet (interativa, multidirecional e descentralizadora) exige uma linguagem distinta de todos os meios precedentes.

Para Manuel CASTELLS (1996, p.189), a aldeia global continua sendo apenas uma teoria de McLuhan. Ele acredita que os meios estão interconectados a escala global, mas de nenhuma forma vivemos numa aldeia global. Seria melhor dizer, segundo esse autor, que vivemos em apartamentos individuais, produzidos a escala global e distribuídos localmente.

Todavia CASTELLS (op. cit) não está totalmente em desacordo com as idéias de McLuhan, ele acredita que cada nova tecnologia transforma de tal maneira a sociedade que impõe uma nova cultura: "*O surgimento do novo meio de comunicação eletrônico, caracterizado por seu alcance global,*

sua integração de todos os meios de comunicação e a sua interatividade, está transformando nossa cultura"(p. 85). E isso acontecerá sempre. Mas as nossas empresas jornalísticas precisam atentar para isso. Não basta apenas obter novas máquinas para agilizar o processo de produção do jornal e esquecer uma parte tão importante quanto a produção, mas no armazenamento (virtual) dos jornais que foram produzidos.

É compreensível que o jornalismo *on-line* não esteja descartando ou desestruturando boa parte das características ancestrais e fundantes já institucionalizadas, mas ele está possibilitando, à instituição jornalística, desenvolver relações temporais novas do fator 'novidade' com outros conteúdos ou fontes de informação. De uma maneira esquemática, podemos talvez considerar que o jornalismo em tempo real na Internet afirma duas relações de temporalidade: por um lado, uma relação de linearidade do tempo que se desdobra no ritmo do tempo do evento. Neste caso, marcar a hora de disponibilização da notícia é uma reafirmação de primazia do tempo cronológico na organização do conteúdo e na recepção pelo leitor (este precisa da referência temporal simples para descobrir o 'local' exato da matéria na linha do tempo do evento e, assim, perceber o seu grau de atualidade).

Por outro lado, há uma possibilidade de editar conteúdos e criar *links* estabelecendo uma não-linearidade do tempo: seja interligar conteúdos jornalísticos com temporalidade diversa (como no exemplo mais óbvio das relações entre o conteúdo mais recente e outros, oriundos dos arquivos do jornal e disponibilizados como forma de contextualizar um evento num tempo mais ampliado), mas também interligar conteúdos jornalísti-

cos com *sites* de instituições relacionadas ao conteúdo da matéria, embora estas tenham rotinas de gestão do tempo diferenciadas da temporalidade jornalística.

É importante destacar que este artigo não tem a pretensão de avaliar a produção jornalística na rede, mas tão somente de elencar as possibilidades de explorar as potencialidades desta, como a pluralidade de vozes, a organização multilinear e a heterogeneidade, o que a faz servir como uma ótima ferramenta para estudantes e pesquisadores em geral. A referência a sites cumpre somente a função de exemplificar conceitos e categorias discutidas.

A mudança de suporte, isto é, para outros TICs significa sempre adaptações para agentes e usuários, exigindo investimentos em transferência de tecnologia e informação. Por esse motivo, informação deve estar inserida estrategicamente entre os bens de capital e não como material imobilizado.

Cientes das novas ferramentas e do bem que estaria promovendo para uma vasta comunidade, alguns jornais americanos e europeus digitalizaram seus arquivos para que não fossem perdidos, roubados ou deteriorados³. Há, ainda, a expectativa pela redução

³Seguindo os passos do The Washington Post, o Wall Street Journal também vai digitalizar todos os seus números antigos. A informação está no portal Editor & Publisher. Serão escaneadas as edições publicadas a partir de 1889, ano de fundação do jornal. Para fazer o trabalho, o Wall Street contratou a ProQuest Co, a mesma empresa que anunciou há duas semanas estar prestando o mesmo serviço ao The New York Times. Os usuários terão acesso não só apenas aos textos, como também aos infográficos e às fotografias. No total, o Wall Street Journal terá um milhão de páginas digitalizadas. Já o The New York Times terá 3,4 milhões de páginas, pois a data de recuperação de seu arquivo será a partir de 1851.

de custos, já que os estoques fogem de sua materialidade e se configuram em idéias e interações virtuais.

A consulta pelo computador evita o manuseio dos documentos, um dos motivos de deterioração do acervo. A digitalização também previne a perda de documentos originais em incêndios e o roubo de documentos raros⁴. O sistema permite ainda a gravação em CD das imagens eliminando o processo de fotocópias. Assim, o pesquisador pode levar para casa a informação que desejar. Os documentos que não estão no banco de dados podem ser digitalizados em scanner e gravados em CD.

Além de inclusão de informações, a Internet encoraja também mudanças constantes no *layout* da página, que precisam ser promovidas sem que ameacem as relações de referência do leitor para com o veículo. Alguns elementos devem ser mantidos para permitir essa identificação.

O princípio da heterogeneidade representa, para o jornalismo digital, o uso de recursos como textos, fotos, imagens, mapas e áudio, integrados na mesma mensagem. A heterogeneidade descende diretamente das tecnologias digitais, que permitem guardar a memória dos veículos, uma vez que as informações são processadas automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa. Registra-se, nesse sentido, a iniciativa de jornais de digitalizar conteú-

(<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp070820026.htm>)

⁴É comum encontrarmos no Diário da Borborema, por exemplo, edições de jornais antigos faltando páginas que, provavelmente foram levadas por "pesquisadores" bem como algumas matérias grifadas com caneta, danificando o documento.

dos editoriais anteriores à era eletrônica, inclusive os muito antigos, e disponibilizá-los na rede. O jornal norte-americano *Chicago Tribune*, por exemplo, investe na montagem de um banco de dados que deverá permitir o acesso a matérias publicadas desde 1849.

Como tanto o Diário da Borborema quanto o Jornal da Paraíba possuem apenas *site* com notícias dos jornais impressos recentes, poderiam criar uma nova página na Internet para disponibilizar as informações dos documentos, evitando assim, a sobre carga da página com as informações do jornal do dia.

McLuhan (1977) acreditava que a interatividade fundamental entre as pessoas muda com o desenvolvimento das novas tecnologias. A partir deste conceito, o ECHEVERRÍA *apud* DIZARD (2000), destaca a nova forma de interação social que está surgindo no final do século XX:

"Não é somente uma sociedade de informação: estamos diante de uma maior transformação. O avanço desta nova informação está modificando profundamente componentes básicos da vida social, como a produção, o trabalho, o comércio, o dinheiro, a escritura, a identidade pessoal, a noção de território e memória, sem falar na política, na ciência, na informação e nas comunicações, já que isto é óbvio. Sobretudo, está mudando a estrutura econômica e cultural do planeta, rompendo os limites territoriais das cidades e dos estados clássicos e tendo que gerar uma nova forma de interação global em que convém pensar, por muitos motivos, em termos de cidade, apesar que ainda não seja." (p.75)

No caso do jornalismo presente na Internet, a interatividade simboliza as novas exi-

gências do usuário que espera que as fronteiras territoriais não o impeçam de conhecer com profundidade assuntos que ocorrem, sejam na cidade em que mora, no estado, no país ou em qualquer lugar do mundo. Oferecendo seus arquivos digitalizados as empresas jornalísticas possibilitam ao usuário a oportunidade não apenas de ler sobre os fatos que ocorrem na atualidade, mas também, por exemplo, comparar com os que já ocorreram no passado.

As novas tecnologias, sem dúvida alguma, permitem o estímulo do diálogo e, como destaca YRUELA (1995), o estabelecimento de uma relação de comunicação onde são reproduzidos os modelos de convivência.

"Assim, a tecnologia aplicada à Comunicação Social irá potencializar ou não a relação de comunicação. E desde o seu fortalecimento ou enfraquecimento poderá ser valorizada de forma positiva ou negativa no contexto da existência desses meios"(p. 24).

A difusão das tecnologias digitais e a consequente convergência entre a comunicação e a informática está transformando a atividade jornalística. Grandes mudanças estão acontecendo na relação da oferta e do consumo da informação, provocando uma 'redefinição' de conceitos e aplicações.

"O desenvolvimento da tecnologia de transmissão digital de dados via redes de computação opera uma modificação no modelo da comunicação vigente: a audiência, além de ter acesso a uma maior número de informações de maneira rápida e diversificada, passa a poder produzir e disponibilizar suas próprias informações

nas redes de comunicação"(Manta, 2001, p.3).

Ainda de acordo com MANTA, a entrada de jornais e revistas na Internet possibilitou a inauguração de um novo veículo de comunicação, reunindo características de outras mídias e que tem como suporte a rede mundial de computadores. O autor aponta que o jornalismo digital representa uma revolução no modelo de produção e de distribuição das notícias. "*O papel (átomos) vai cedendo lugar a impulsos eletrônicos (bits) que podem viajar a grandes velocidades pelas autoestradas da informação*"(Manta, 2001, p.3).

Para DIZARD (2000), essa transição é possível pelo inter-relacionamento de várias tendências (políticas, econômicas e tecnológicas). Porém, a tecnologia é, pelo menos em princípio, uma das primeiras causas dessas mudanças. "*Os meios de comunicação (...) estão sendo transformados pelas novas formas de coletar, armazenar e transmitir informações*"(Dizard, 2000, p.24).

O fator comum nessa transição é a mudança para a informação digital. Os produtos (impressos, de voz e em vídeo) estão progressivamente sendo criados e distribuídos em bits e bytes, que são os códigos básicos dos computadores.

Apesar de não promover a longevidade oferecida pela microfilmagem⁵ com qualidade para preservação, que segundo alguns autores, pode chegar a 500 anos, a grande vantagem da digitalização é a facilidade de

⁵A reprodução em microfilmagem garante, se este for gerado com qualidade e devidamente preservado, acesso às informações contidas por cerca de meio milênio. E, segundo ARMS (2000) "*com uma lupa e uma vela, pode-se ter acesso à informação microfilmada.*"

disponibilização das imagens e informações dos documentos, utilizando as tecnologias de bibliotecas digitais, poupando assim, o manuseio dos originais.

Entretanto, o processo de digitalização de originais também pode representar ameaças. Ou seja, estes normalmente são retirados de seu local de origem e acondicionamento e são submetidos a um processo de captura por *scanner* ou fotografados, estando assim sujeitos a manipulação e exposição à luminosidade intensa, que contribui para a degradação. Tanto a microfilmagem quanto à digitalização são processos caros e por isso deve ser feito de forma a não exigir a repetição do serviço. A qualidade das matrizes digitais deve ser a melhor possível. Com seus usos futuros não podem ser ainda totalmente previstos, as matrizes devem conseguir reproduzir os documentos originais com a maior riqueza de detalhes possível, mesmo que isso signifique na utilização mais intensa dos recursos tecnológicos e maior demanda por espaço para armazenamento, problema que já vem perdendo importância com o desenvolvimento das tecnologias para esses fins, como os discos rígidos. Como sabemos, as tecnologias estão cada vez mais eficientes e baratas, promovendo capacidades que há alguns anos não poderíamos imaginar.

É preciso ressaltar que as simples adoções dessas tecnologias não significam a solução de problema na gestão da informação arquivística. Pelo contrário, a gestão da informação arquivística legível para o computador se mostra como um desafio a ser enfrentado pelos donos das empresas jornalísticas campinenses, para o arquivo bem como para os próprios arquivistas. Os países que tiveram acesso à tecnologia de ponta sem um reflexo suficiente na área arquivística, possuem o

risco da perda das informações importantes, além de outros problemas que a má administração na transformação desses arquivos em arquivos digitais possa causar. Essa realidade deve ser enfrentada através de enfoques multidisciplinares, visto que se trata de "problemas arquivístico em interface para a informática e outros saberes" (Lopes, 1996, p. 85).

O produto de um trabalho de digitalização, as matrizes digitais, pelo seu alto custo e também pela sua importância no provimento do acesso às informações devem, assim como os originais, ser preservados permanentemente. Isso também leva ao problema de como conservar os documentos digitais mantendo-os acessíveis para as gerações atuais e futuras.

Uma forma de apontarmos as facilidades para a disponibilização de documentos eletrônicos é usar os seis argumentos de ARMS (2000, p.98) quando o mesmo demonstra as vantagens dessa tecnologia em relação às bibliotecas tradicionais. É importante dizer que, mesmo guardando as especificidades entre bibliotecas e arquivos, sejam ou não jornalísticos, as vantagens que serão expostas abaixo podem ser estendidas aos últimos.

- As bibliotecas digitais vão até o usuário e não o contrário;
- Recursos do computador são usados para pesquisa e navegação;
- Informação pode ser compartilhada;
- Informação está disponível a qualquer dia e horário;
- Novas formas de informação se tornam possíveis.

Podemos utilizar a definição de HEDSTROM (1996, p. 105) sobre preservação de documento digital: "*planejamento, alocação de recursos e aplicação de métodos e tecnologias para assegurar que a informação digital de valor contínuo permaneça acessível e utilizável*". Podemos ter também essa definição como um alerta para a necessidade de inclusão da preservação digital no planejamento e ações das empresas jornalísticas que adotarem esse sistema.

As ameaças que os documentos, sejam jornais ou não, em suporte não eletrônico sofre ou venha a sofrer, também atingem os documentos digitais. Da mesma forma que o papel se desintegra com o passar dos anos, a informação gravada na superfície metálica magnetizada dos dispositivos de armazenamento mais largamente utilizados, simplesmente, torna-se ilegível. A temperatura, a umidade e o nível de poluição do ar nos ambientes dos tradicionais arquivos devem ser controlados, assim como nos ambientes de armazenamento das mídias digitais, onde existe também, a preocupação com campos magnéticos. Todos os tipos de suporte estão sujeitos aos fungos, traças, ratos e outras ameaças biológicas ⁶.

⁶É válido ressaltar que, em visita feita aos arquivos de jornais anteriormente citados e no jornal A União, situado na cidade de João Pessoa (PB), para a produção de um documentário para o **Projeto de Pesquisa da Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande – 1952 a 2002**, presenciamos que os arquivos desses periódicos estavam em situações precárias, além da enorme quantidade de fungos, as edições mais antigas estavam em estado de deterioração devido a grande quantidade de mofo e pela falta de um local apropriado para a armazenagem destes. É preciso ressaltar também que o arquivo do Jornal da Paraíba era o

Devido às más condições de acondicionamento e por estarem guardados por longos períodos, intervenções inadequadas de restauração, umidade, manuseio incorreto que os documentos sofrem, geralmente os arquivos dos jornais campinenses são encontrados em avançado processo de deterioração. Em consequência, estes fatores ocasionam perda de registro do documento, tornando-os ilegíveis e de difícil compreensão. Muitos documentos sofreram danos facilmente visíveis: manchas, presença de fungos, rasgos e até ausência das partes, comprometendo seu manuseio. Nestes casos o uso da digitalização da imagem no tratamento e recomposição do material torna-se mais um meio para viabilizar a pesquisa, reservando o documento original e devolvendo ao pesquisador a informação perdida ao longo do tempo.

Sabemos que em função de inúmeros problemas enfrentados pelos arquivos, as informações, curiosidades e riquezas contidas nos documentos, que compõem seus acervos, são muitas vezes inacessíveis aos pesquisadores.

Uma política de informação não pode estar dissociada de uma política nacional de desenvolvimento. É válido dizer que, mesmo possuindo um plano, é preciso um modelo, seja este implícito ou explícito. Uma política nacional serve para atingir objetivos, sejam eles progressistas ou conservadores, elitistas ou democratizantes. É indispensável considerar o papel das bibliotecas, arquivos jornalísticos (convencionais ou virtuais) e de outras instituições no esforço de manter a ordem e o controle de um vasto mundo de conhecimentos e, porque não dizer, de dados. Se mantiverem uma postura passiva, submer-

único que estava bem conservado, tomando como referencial os dois outros arquivos visitados.

sas em antigo imperativo cultural, serão simples depositórios incapazes de contribuir efetivamente no processo de transferência de informação.

Problemas como falta de infra-estrutura física, incapacidade da infra-estrutura humana ou a falta de consciência política e pública sobre os benefícios possíveis e a falta de contextos legais e organizacionais adequados são etapas que podem ser vencidas.

"A comunicação mediada por computadores não apenas oferece uma alternativa às formas mais tradicionais de comunicação, mas também descortina um horizonte inteiramente novo para o discurso interativo e com valor agregado". (RUSSEL, 2000, p.46)

Para os que usam a justificativa de que, ao digitalizar os arquivos haverá um processo de desumanização, deve-se deixar claro que o processo de informação, independente do modo que seja utilizado, só se transfere de indivíduo para indivíduo, portanto é uma ação humana que se processa através de um emissor que codifica a mensagem e de um receptor que a decodifica e percebe o seu significado.

O desenvolvimento das comunicações, acontecido a partir dos meados do século passado, vem mostrando a necessidade de valorizar os arquivos, e hoje eles se tornaram imprescindíveis, daí sua moderna conceituação: unidade administrativa, cuja função é a de reunir, ordenar, selecionar, guardar e dispor, para uso, conjunto de documentos, segundo os princípios e técnicas arquivística. Em decorrência, o arquivista não será apenas o conservador de velhos papéis, mas também o que orienta o pesquisador na busca de uma

determinada documentação segundo os interesses de sua pesquisa.

Dessa forma, diante da rápida evolução tecnologia que estamos tendo a oportunidade de vivenciar, bem como a grande quantidade de notícia que é produzida todos os dias, pelos jornais, sejam locais, estaduais, nacionais e internacionais, é preciso tornar acessível essa grande avalanche de informações nos vários tipos de TICs que nos são disponíveis, fazendo assim com que variado público tenha acesso a grande massa documental atual e do passado, pois como afirma CHAUI em entrevista concedida à revista CULT⁷, trabalhamos continuamente com as coisas do passado, com restos, pois da mesma forma que existe o resto que conserva, há o resto que transforma.

Se faz necessário avaliar a importância dos arquivos e de sua memória para a cidade e demais região, tendo em vista todo o acervo documental existente dentro de um arquivo, sem negligenciar a possibilidade dos mesmos servirem de eixos norteadores para a compreensão do processo histórico.

O arquivo é um espaço onde se concentra um enorme acervo documental de natureza diversa, que precisa ser adequadamente preservado. Mas, infelizmente, os diretores de instituições privadas ou pública tratam os arquivos como coisa inútil, sempre os empurrando para os piores lugares. Todavia, com os arquivos jornalísticos de Campina Grande a coisa não é diferente. Visto que, podemos perceber todo o descaso e a falta de políticas que visem à preservação e o melhoramento desses arquivos.

Pesquisando em arquivos jornalístico de Campina Grande, pudemos constatar toda a

falta de cuidado de funcionários e pesquisadores no manuseio da respectiva documentação. Quando sabemos que o arquivo é um lugar muito propício para a concentração de fungos e bactérias. Ou seja, grande parte das pessoas ou por falta de conhecimento ou mesmo por descuido, não utilizam: máscaras, luvas nem jalecos. Colocando em risco sua própria saúde.

Portanto, temos consciência da necessidade de organizar e preservar a memória jornalística de Campina Grande. Tendo em vista que esses arquivos já contribuíram de forma significativa para a nossa cidade e demais região. E para isso, é necessário que tanto os diretores desses jornais como a comunidade em geral tome consciência da importância desses acervos documentais para a preservação da memória de nossa cidade e uma das melhores formas de contribuir com na conservação desses arquivos jornalísticos seria com o uso das novas tecnologias digitalizando-os.

1 Referências bibliográficas

ARMS, William. *Arquivos Permanentes: Tratamento Documental*. Ed. A. Queiros, São Paulo, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede - A Era da Informação : Economia, Sociedade e Cultura, vol 1*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. *Navegar é preciso*. Entrevista no Observatório da Imprensa <http://observatoriodaimprensa.com.br/artigos>

CONWAY, Paul. *Preservação no Universo Digital*. Rio de Janeiro: Projeto Con-

⁷CULT, ano III, Junho/2000, p. 47.

- servação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos/Arquivo Nacional, 1997.
- DIZARD, Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Tradução de Edmond Jorge. 2^o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HEDSTROM, Margareth. *Preservação Digital. Argumentos e requerimentos em RGL de Instituições Membros*. Disponível em www.rlg.org/preserv/digres.pdf
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOPES, Luis C. *A informação e os arquivos*. Ed. Edufscar, Niterói, RJ, 1996.
- MANTA, André. *Guia de jornalismo na Internet*. Disponível em www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/index.html
- MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*, Companhia Editora Nacional, 2^a edição, 1977.
- MCGARRY, K. *Da documentação à informação - um contexto em evolução*. Lisboa, Presença, 1984.
- MIRANDA, Antonio, SIMEAO, Elmira. *A conceituação de massa documental e o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento*. www.dgzero.org/dez02/F_I_dgz.htm
- MURAD, Angéle. *O hipertexto eletrônico como base para reconfigurar a atividade jornalística*. Disponível em www.uff.br/mestcii/angele3.htm
- TERCEIRO, J. B. *Sociedad digital*. Marid, 1996.